

A TRAIIDORA DE HITLER

**UM ROMANCE INSPIRADO NO GRUPO
ROSA BRANCA DE RESISTÊNCIA AO NAZISMO**

PRÓLOGO



Kristallnacht, 9 de novembro de 1938

A Noite dos Cristais

No escuro, a mente pode pregar peças.

Foi isso que pensei quando os sons penetraram meus ouvidos, de início fracos como o borrifar da água em uma fonte, seguidos por estampidos distantes que partiram e fragmentaram o ar. Limpei o sono dos olhos, busquei os óculos e espiei pela janela acima da minha escrivaninha. Sobre ela, o relógio de prata mostrava que passava de uma da manhã. Era 9 de novembro, 15^o aniversário do fracassado Beer Hall Putsch,* tempo de memoriais nacionais-socialistas, e celebrações, por toda Alemanha, para os martirizados nazistas. Todos deveriam estar dormindo, mas outros ruídos igualmente sinistros também encheram o ar.

Risadas abafadas e gracejos infiltraram-se pela minha janela. Abri o trinco, escutando as vozes que se espalhavam por Munique, parecendo vir de cada esquina da cidade, vir da própria terra. Vozes indistintas, entrecortadas no ar, cantando “*Juden, Juden, Juden*”, caíram sobre meus ouvidos. Fiquei arrepiada diante da enxurrada vociferante de irritação e ódio.

Acendi o abajur e um doentio brilho amarelo estendeu-se acima dos papéis que estavam no meu mata-borrão. Havia passado várias horas estudando, antes de ir para a cama. Esfreguei meus olhos cansados, coloquei os óculos, aninhei o rosto nas mãos e espiei pela janela, suja de fuligem, no quarto andar na Rumford Strasse.

Olhei para além do pináculo semelhante a uma agulha da igreja de São Pedro, a “Velho Pedro”, como meus pais a chamavam, e para além das construções de pedra que margeavam as ruas. Vi fumaça espiralando em

saca-rolha, esmurrando as nuvens que encobriam a lua cheia. Chamas faiscavam no horizonte, enquanto a fumaça escura espalhava-se pelo céu como tinta em um balde d'água.

Munique foi construída com pedra e madeira, e a brigada de incêndio estaria lá cedo o bastante para extinguir as chamas. Uma sensação que já tivera algumas vezes se instalou no meu estômago. Lembrava-me de quando, aos 7 anos, havia me afastado da minha mãe em uma loja de departamentos, assim que chegamos a Munique. Fui tomada por um medo peculiar. Um senhor bondoso, de terno azul, que cheirava a fumo e a colônia de especiarias, me ajudou a encontrar minha mãe. Falava alemão com um sotaque carregado, e usava uma touca redonda na cabeça grisalha. Minha mãe agarrou-me nos braços e esqueceu a raiva por eu ter me afastado. Mais tarde, disse que se não tivesse sido pelo judeu, alguém poderia ter me levado embora. Sua voz estava equilibrada e calma, em nada parecida com as vozes do lado de fora da minha janela.

Essa noite de novembro trouxe de volta aquele antigo pavor, um efeito esmagador, como pedra sobre pedra, das mudanças que varreram a cidade conforme o nacional-socialismo se espalhava, de início em pequenos passos, depois a passos largos e traiçoeiros. Meus amigos judeus, numerosos desde a época em que o velho cavalheiro havia sido meu salvador, anos antes, agora estavam distantes, muitos dizendo que eu ficaria melhor sem eles. Suas palavras me entristeciam, à medida que se afastavam. Queria mantê-los como amigos, ainda que preferissem não ser vistos ou ouvidos, se refugiando em suas casas como camundongos silenciosos e discretos.

Em 1938, o Reich pesou sua incriminação e repressão não apenas sobre minha família, mas sobre todo cidadão que não fosse um nazista ardoroso. Às vezes, a tensão que vibrava por Munique beirava a paranoia, com uma excitação terrível, que fazia disparar o coração junto de uma angústia terrível: nunca se sabia quando a Gestapo poderia vir buscar você ou o seu vizinho.

Enquanto esses pensamentos corriam pela minha mente, o incêndio se alastrou. A nebulosidade refletia uma mistura infernal de amarelo e laranja ardentes, manchada de fumaça preta. Então, houve mais estouros, sons de metal despedaçando e vidros quebrados, mas sem o soar dos alarmes.

Aos 16 anos, eu era jovem demais para sair da casa dos meus pais sem permissão, mas velha o suficiente para estar curiosa – e amedrontada – pelo

que via e escutava. Caminhei na ponta dos pés pelo corredor, e espiei dentro do quarto dos meus pais. Os dois dormiam tranquilamente debaixo dos cobertores, sua respiração subindo e descendo de forma ritmada durante o sono.

Voltei para o meu quarto furtivamente, desliguei o abajur, e tentei dormir, temendo pela cidade que chamava de lar.

– Talya? – minha mãe gritou na manhã seguinte, à porta do meu quarto.

Levantei-me de um pulo.

– O quê?

Mary, minha mãe, bateu o pé, como sempre fazia quando eu dormia demais.

– Vai se atrasar para a escola.

Ela se virou no corredor em direção à cozinha, o vestido preto farfalhando em volta do corpo, os sapatos ressoando no assoalho de madeira. Minha mãe sempre mantinha sua postura burguesa, embora viver na Alemanha, depois de abandonar nosso lar russo, fosse mais difícil do que meus pais haviam previsto. Não importava a hora do dia, sempre parecia que ela estava indo às compras. Outro hábito que se recusava a largar era me chamar pela abreviação do meu nome. Esse maneirismo me irritava porque eu já não era criança, tinha feito 16 anos em 16 de maio. Todas as minhas amigas, e com certeza os meninos que eu conhecia e de quem gostava na escola, me chamavam pelo meu verdadeiro nome: Natalya.

– Hoje não tem aula, é feriado nacional.

Bocejei e me estiquei para a janela, para ver se o incêndio ainda ardia.

Ela voltou, seus olhos reluzindo de irritação com minha atitude sonolenta. “Herr Hitler cancelou o feriado. Herr Hess falará esta noite. Não importa se vai haver aula. Se não houver, tente me achar linha, para que eu possa consertar as meias do seu pai.”

Fiquei perdida. Se o feriado havia sido cancelado, as lojas estariam abertas ou fechadas? E a tarefa de encontrar produtos de armarinho estava se tornando quase impossível, uma vez que a disponibilidade de produtos havia se esgotado para atender às necessidades da crescente Wehrmacht. Lavei-me, troquei de roupa e me juntei a meus pais na mesa do café da manhã.

– Você viu o incêndio? – perguntei à minha mãe, depois de me sentar.

Ela pôs-se a mexer as panelas no fogo, e não respondeu. Meu pai, Peter, levou uma colher de mingau à boca, e me lançou um olhar severo. Seus olhos se estreitaram e ele disse:

– Vândalos. Tremendo absurdo. – Deu uma abocanhada e apontou a colher para mim. – Fique longe deles.

– Como você sabe que eram vândalos? – perguntei.

As sobrancelhas negras do meu pai se juntaram sobre a ponte do nariz.

– Muitas pessoas relutam em falar hoje em dia, mas algumas falam, mesmo de manhã cedo, quando os vizinhos se encontram no corredor.

– Eu não me associo com arruaceiros – garanti, enquanto afundava a colher no mingau de aveia. Ao contrário do estilo mais despreocupado da minha mãe, meu pai era sistemático, algo adequado para um disciplinador exigente. Conforme vivia minha adolescência, me ressentia das ordens absolutas que ele lançava em minha direção como se fossem banalidades. “Não” era uma palavra fundamental em seu vocabulário.

Depois de comer, voltei para o meu quarto e estudei o problema de Álgebra no qual estive trabalhando na noite anterior. Frustrada por não ser capaz de resolvê-lo, joguei a complicada folha de papel e a caneta ao lado da minha prova de Biologia. O livro estava aberto na página de rosto, com a águia de asas estendidas pousada na suástica circundada; aquilo reluziu para mim como se sua tinta negra tivesse sido impressa um dia antes. Vivíamos com aqueles símbolos diariamente; não tínhamos escolha.

Limpei os óculos e me perguntei se conseguiria sair às escondidas com minha amiga Lisa Kolbe. Ela era mais bem informada sobre a vida e os interesses gerais do que eu. Achava-a mais bonita, mais extrovertida, com uma visão menos melancólica que a minha – herdada de seus pais alemães, muito diferente de viver na casa do meu pai, que era russo. Lisa tinha uma capacidade de fazer amigos que eu também admirava. Conhecíamos-nos havia anos porque tínhamos a mesma idade, com apenas alguns meses de diferença, e morávamos no mesmo prédio.

Duas batidas soaram no assoalho, vindas do teto abaixo. Eram leves, mas senti suas vibrações pelos meus sapatos. Lisa estava enviando nosso velho sinal para nos encontrarmos. Vesti o casaco e fui até a sala.

Meu pai estava terminando o chá e lia um livro ilegal, uma tradução alemã da *Summa Theologica* de São Thomas de Aquino. Ele o mantinha escondido, juntamente com alguns outros livros ilegais, atrás da estante,

como se seu esconderijo improvisado nunca fosse ser descoberto. Evitava ler um livro banido em público, e como nossa família guardava segredo, havia pouca possibilidade de que seu esconderijo fosse encontrado.

Observei-o por um momento, enquanto seus olhos bebiam as palavras. Logo ele largaria a leitura e iria até a farmácia, onde trabalhava como assistente do farmacêutico, trabalho semelhante ao que exercia na Rússia antes de nos mudarmos para Munique.

Minha mãe me deu moedas de reichsmark para a linha preta, caso eu encontrasse uma loja aberta. Isso, depois de uma severa advertência do meu pai:

– Faça apenas o combinado.

Despedi-me dos meus pais com um beijo, e saí para o corredor empoeirado, prestando atenção para descer os degraus sem fazer barulho. Lisa estava no corredor em penumbra, atraente em suas meias compridas e jaqueta, o rosto parcialmente iluminado pela única lâmpada no alto da escada. Seu cabelo loiro, quase prateado, estava cortado de forma elegante ao redor do rosto e das orelhas. Sua boca bem desenhada, que eu conhecia tão bem, trazia o aspecto costumeiro de um sorriso atrevido.

– Então, para onde vamos? – perguntou.

– Procurar linha.

– Empolgante – ela retrucou, e fingiu um bocejo.

– Eu sei.

– Meus pais foram trabalhar.

Seu sorriso mudou para uma expressão malandra.

– Temos que ver o que aconteceu ontem à noite!

Eu estava tão excitada quanto ela em descobrir o que tinha acontecido, e mais do que disposta a esticar os limites das ordens do meu pai. Descemos correndo os últimos degraus que faltavam, e saímos porta afora. Uma brisa leve trouxe o odor persistente de madeira queimada.

– Você viu o incêndio? – perguntei, enquanto caminhávamos pelas ruas estreitas do centro da cidade. A oeste, as torres gêmeas da catedral Frauenkirche assomavam perto da praça central Marienplatz.

– Só o vermelho no céu.

Fomos absorvidas pelo estranho timbre do dia. As ruas estavam quietas, mas cá e lá pessoas passavam com passos firmes, olhos voltados para baixo,

mal nos dirigindo um olhar. Às vezes, desapareciam em vielas, como fantasmas nas sombras.

Vários rapazes estavam sentados em bancos, fumando cigarros, ou encostados em prédios, parecendo reagir aos efeitos de uma longa noite de bebedeira. Eram membros da SA, “camisas-marrons”, como os chamávamos. Um sujeito particularmente grosseiro, de queixo quadrado e a cabeça com uma juba de cabelos claros, ordenou que parássemos. “*Juden?*,” perguntou. Sacudimos a cabeça e dissemos: “*Nein*”, e depois de apresentarmos nossos documentos escolares, que sempre levávamos conosco, ele nos liberou.

– Não percebem que não somos judias? – Lisa perguntou, mas eu sabia que ela estava tentando fazer uma brincadeira. Suas palavras continham sarcasmo. Uma de nossas amigas queridas, uma judia que não víamos havia meses, era loira de olhos azuis, como qualquer ariana poderia ser. No entanto, foi sujeita às leis que oprimiam os judeus. Não havia nada justo nessas restrições.

Logo demos com o prédio incendiado, uma sinagoga. Eu tinha passado várias vezes por ela. Era uma construção sólida, de pedra, com uma grande janela circular, encaixada no que parecia ser uma torrezinha, mas as chamas haviam carbonizado tudo, fazendo da janela um buraco redondo e vazio, como o olho removido de um Ciclope. A maior parte do telhado havia desmoronado. O trabalho em pedra estava escurecido, mas algumas partes tinham adquirido a cor cinza, por causa das chamas intensas. A estrutura, com suas janelas em arco e portas queimadas, estava tão feia agora quanto as árvores desfolhadas que resistiam, separadas dela.

Não ousamos chegar muito perto, porque membros da SA vigiavam o prédio, mantendo à distância quem poderia querer saqueá-lo, ou, talvez, salvar algum objeto. Duas mulheres pararam atrás de nós, com lágrimas escorrendo pelo rosto, enquanto enxugavam os olhos com lenços. Por seus soluços abafados, percebi que não queriam chamar atenção sobre si mesmas.

Afastaram-se arrastando os pés, e um homem elegantemente vestido veio a meu lado e tirou o chapéu. Era alto, o cabelo uma mistura de loiro e castanho, dividido à esquerda e penteado para trás à direita, no estilo usado pela maioria dos homens. Seus olhos, bem afastados um do outro, eram emoldurados por um rosto atraente, e mesmo de relance desconfiei que

fosse inteligente e um tanto ardiloso. Exalava essas características desde sua postura rígida até o maxilar travado.

– A SA a incendiou com gasolina, e depois tentaram jogar o rabino nas chamas – ele disse em voz baixa, enquanto olhava para a sinagoga. – O rabino queria salvar os pergaminhos da Torá.

Lisa e eu nos entreolhamos, sem saber o que dizer.

– São uns animais, todos eles – continuou –, prenderam o rabino. Com certeza ele acabará em Dachau. Porcos. – Ele se virou para nós. – Quem são vocês?

Comecei a responder, mas Lisa se colocou na minha frente e disse:

– Não é da sua conta. Quem é você para perguntar?

Sendo eu a introvertida, fiquei calada, com certa pena do homem que havia demonstrado simpatia pelo rabino e o trágico incêndio. Por gentileza, sorri para ele, e seus olhos pararam nos meus. Por um segundo, uma centelha de atração faiscou entre nós, e os pelos dos meus braços se eriçaram com o arrepio.

– Desculpe-me incomodá-la, mas não a esquecerei – o homem disse, e tocou em seu chapéu. Depois de me dar uma olhada, desapareceu por uma esquina atrás de nós.

– Aquilo foi estranho – eu disse para a minha amiga, enquanto, distraída, arrumava os óculos no nariz. A sensação elétrica ainda permanecia no meu corpo. Lisa continuou composta, petulante e elegante, a alguns passos de distância. Nunca tinha me considerado bonita, sempre me julgando alta e desengonçada, talvez com um excesso de cabelos pretos. Meus óculos também não ajudavam a me sentir mais confiante com os meninos.

– Vamos embora antes de parecermos mais suspeitas – Lisa disse, sugerindo que, apenas por observar a sinagoga, já nos havíamos exposto.

Tinha razão. Era preciso andar sempre na linha, ser a boa alemã, e não fazer onda ou criar confusão, porque qualquer ato fora da lei poderia levar à desgraça.

Ao sairmos, perguntei a Lisa:

– O que aconteceu com nossos amigos judeus? Agora, mais do que nunca, temo por eles.

E por detrás daquela pergunta havia um fato mais incontestável: Lisa e eu não concordávamos com as leis e doutrinas do Reich. Não havia uma

data exata em que havíamos adquirido esse ponto de vista, mas a propaganda dos jornais e rádios estatais, os homens que marchavam para a guerra e jamais voltavam, o racionamento, a tensão crescente no ar, permitiam que chegássemos a essa conclusão. Em silêncio, sabíamos quais eram as consequências para tal pensamento. Mas o que poderíamos fazer em relação aos nazistas?

Enquanto caminhávamos por Munique, vimos a destruição perpetrada para a “proteção” da propriedade judaica – os saques de bens pela SA e outros. Muitas pessoas saíam para ver os estragos, andando feito mortos ao passar por vitrines quebradas, fachadas de lojas queimadas, e salas de exposições saqueadas. Lisa e eu sabíamos que o mundo estava mudando para pior.

No restaurante Schwarz, as vitrines estavam estouradas; a Produtos Finos Adolf Salberg, na Neuhauser Strasse, tinha sido alvo de uma bomba incendiária – a grande placa *Salberg* tinha virado uma massa de metal retorcida; a loja de chapéus e objetos de luxo Heinrich Rothschild tinha sido vandalizada e palavras contra judeus haviam sido caídas nas vitrines; a loja de música Sigmund Koch, saqueada; as vitrines arreventadas na loja de móveis e arte Bernheimer; e talvez o mais chocante de tudo, a grande e popular loja de departamentos Uhlfelder, na Rosental, tinha sido saqueada e vandalizada.

Meu pai trabalhava para um dos poucos negociantes judeus que restavam em Munique. Lisa e eu o encontramos parado na calçada, em frente às vitrines quebradas da farmácia, cacos de vidro forrando a rua como cacos de diamantes.

– O que estão fazendo aqui? – meu pai perguntou com severidade, ao nos aproximarmos. Seu queixo largo, tão típico dos homens em sua família russa, estava travado. – Sua mãe mandou você comprar linha, não perambular pelas ruas. – Ele pegou uma vassoura encostada na lateral da loja, e apontou o cabo para nós. – Vão pra casa! Agora! Já viram o bastante.

O sr. Bronstein, patrão do meu pai, colocou a cabeça para fora da vitrine quebrada. Seu rosto emaciado, os olhos vermelhos e as mãos trêmulas demonstravam a dor causada pela destruição da sua loja. Dois camisas-marrons vieram caminhando pela rua. Meu pai jogou a vassoura no chão, agarrou Lisa e a mim pelos ombros, e cochichou para ficarmos quietas.

– Você é judeu? – um dos homens gritou da rua.

Meu pai sacudiu a cabeça, mas os encarou com desafio.

– Então continue – o homem ordenou, vindo até nós e colocando a mão no coldre de sua pistola. – Onde está o Bronstein?

O sr. Bronstein, pequeno e magro, apareceu na entrada da loja. O homem correu até ele, empurrou-o para dentro da loja, e gritou:

– Arrume sua bagunça, judeu sujo. É assim que você toca um negócio? Bom, não vai durar muito. Vai ter que pagar por este estrago.

Um tapa e um grito ecoaram da loja.

Meu pai nos girou na calçada, na direção de nossa casa, os braços trêmulos enquanto nos levava. Fomos em silêncio. Ao nos aproximarmos da porta, percebi que da noite para o dia a Alemanha tinha abraçado a morte e não a vida.

A linha foi esquecida.

— -- PARTE 1 — --

ROSA BRANCA

CAPÍTULO 1



Julho de 1942

SE EU ACREDITASSE QUE A TERRA ERA PLANA, as estepes seriam a prova, uma vez que o solo se espalhava numa linha contínua até um horizonte distante. A vasta região estendia-se à minha frente, uma colcha de retalhos de relvas verdes que ondulavam em ondas açoitadas pelo vento, juntamente com os tocos marrons do trigo colhido no inverno. Outros campos estavam dissecados apenas pela casca cinzenta de árvores esparsas, ou pelas estruturas cúbicas de madeira das casas de fazenda que não tinham sido destruídas pelo avanço da Wehrmacht.

Eu estava em um trem lotado, separada dos soldados, a caminho do front russo como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha alemã.

Alguns dos campos haviam sido queimados, e restava apenas o solo escurecido. Mas assim como o sol se levanta, o chão tinha que ser lavrado e cuidado pelas figuras solitárias dos camponeses, de pé, empunhando forquilhas, ou sentados em uma carroça puxada a cavalo – se é que os coitados conseguiriam extrair algo mais do solo.

De alguma maneira, alguns afortunados haviam sobrevivido. Talvez a Wehrmacht precisasse dos trabalhadores, pensando sob trabalho escravo para transportar grãos para a Alemanha, ou talvez tivessem sido poupados da morte por um “benevolente” oficial nazista.

Era minha primeira vez na Rússia desde a fuga da nossa família de Leningrado, durante a primeira fase do Plano de Cinco Anos, em 1929. Na época, eu tinha 7 anos. Meu pai tinha presenciado em primeira mão o desaparecimento daqueles que não alcançavam as quotas de trabalho estabelecidas por Joseph Stalin. Eles sumiam durante a noite e nunca mais eram vistos, normalmente enviados para morrer em campos de trabalho

forçado. Meu pai havia juntado dinheiro suficiente para nos mudarmos para a Alemanha, onde ele esperava que tivéssemos uma vida melhor. Como os pais da minha mãe eram alemães, nos concederam cidadania antes da total ascensão do nacional-socialismo.

Mas a guerra estava em pleno desabrochar depois da invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, e dependendo da localização do trem, vislumbrávamos uma terra que conservava sua beleza natural ou se estendia além de uma paisagem atingida pelo conflito. Em Varsóvia, testemunhei o desespero dos cidadãos poloneses, que haviam cedido tudo aos nazistas, exceto sua humanidade, quando passei um torrão de açúcar para uma garotinha que me ofereceu uma flor, enquanto olhava sobre os muros do gueto de tijolos que confinavam tantos judeus. Soldados conduziam pessoas esqueléticas para dentro e para fora dos portões, levando-as marchando em filas em direção a um destino desconhecido. Eu havia ficado anestesiada diante dos horrores, aprendendo ao longo dos anos que poderia fazer pouca coisa para combater o Reich.

No entanto, naquelas terras ainda intocadas pelas garras mortais da guerra, as altas bétulas cintilavam na Prússia Oriental, as amplas estepes da Rússia se abriam para colinas de volumes suaves. E, naqueles tempos, com as janelas do trem abertas, as rodas estalando num movimento rítmico ao longo dos trilhos, o calor de julho dissipando-se com o cair do sol, era quase possível esquecer as preocupações da guerra e fingir que tudo corria bem no mundo.

Mas havia outras distrações na longa viagem até o front. Viajei com uma moça chamada Greta, também enfermeira voluntária, a qual eu conhecia pouco, além do fato de ela ter seus próprios planos, assim como eu, de um dia voltar a Munique.

Como meu pai trabalhava numa área relacionada à medicina, fui atraída para ela, e além do mais, não tinha ideia melhor do que fazer da minha vida. Acabei no voluntariado de enfermagem depois da minha experiência da Liga das Moças Alemãs. Sentia satisfação em oferecer cuidados médicos aos doentes. Trocar ataduras, ajudar crianças que haviam sofrido cortes e esfolados, e aprender sobre o corpo tornou-se minha “profissão” nos anos que sucederam 1939. Embora a enfermagem me permitisse escapar da rigidez de meu pai, e não ceder imediatamente à pressão de me casar e ter filhos, como o Reich exigia, restava uma grande

desvantagem. A Cruz Vermelha alemã tornou-se um braço importante do regime nazista. Esperava-se que adotássemos os ensinamentos do Reich sobre a supremacia ariana, e seguíssemos cegamente Hitler – o que eu ignorava inocentemente em pensamento e ação. A rigidez do meu pai tinha, inadvertidamente, instilado uma tensão ansiosa dentro de mim, o que alimentava minha timidez natural. Mas algo mais forte também fervia em mim: um anseio em ser livre, ser dona de mim, uma rebelião nascente.

Uma noite, Greta me ofereceu um cigarro, enquanto eu lia um texto de Biologia em nossa cabine apertada. O livro era pouco empolgante, mas esperava que qualquer bocado de conhecimento me ajudasse a garantir uma carreira em Medicina, enquanto mulher sob o nacional-socialismo.

Como não era fumante, declinei sua oferta. Os cigarros não eram baratos, e geralmente eram vendidos por debaixo do pano. Fiquei pensando onde ela os teria conseguido. As mulheres “corretas” não deveriam fumar, mas um dos motivos para muitas delas se tornarem enfermeiras voluntárias era a liberdade ocasional que aquilo oferecia para tais restrições. Os cigarros eram destinados, sobretudo, aos soldados. Ela também segurava uma garrafa com um líquido claro. O rótulo vermelho, impresso em polonês, dizia *Wódka*, e quando Greta tirou a tampa, o cheiro do álcool passou por mim.

Ela parecia mais velha do que sua idade. As linhas de expressão que afluíam em seu rosto, e as cutículas mordidas nos dedos me levaram a acreditar que não tivera uma vida feliz. Talvez fossem sinais de ansiedade em relação à guerra, ou à vida em geral, mas ela não poderia ter muito mais do que a minha idade, 20 anos. Ainda assim, ela se arrumava para os homens que viajavam conosco.

Greta estava sentada em um banco em frente ao meu, no sentido contrário ao avanço do trem, enquanto disparávamos pela vasta planície. Acendeu o cigarro, e uma névoa de fumaça atingiu meu rosto, mas dispersou-se rapidamente pela janela aberta. Fechei o livro.

– Você já falou com algum deles?

Ela apontou com o polegar direito por sobre o ombro, e pousou o cotovelo esquerdo na beirada da janela, mantendo a ponta acesa do cigarro próxima à abertura. A centelha reluziu vermelha no vento acelerado.

– Com alguns – respondi –, tento não estabelecer muita intimidade.

Não tinha vontade de alimentar relacionamentos românticos com membros da unidade do exército ou do corpo médico. Estava indo para o

front para realizar um trabalho, não para arrumar marido; e afinal de contas, sendo um tanto fatalista, me perguntava quanto tempo um parceiro em potencial ficaria vivo naqueles tempos terríveis. A guerra no front oriental estava se arrastando, apesar do Reich afirmar uma vitória atrás da outra. Ser abraçada por um homem, sentir seus lábios sobre os meus seria bom, se tal perspectiva ocorresse, mas um relacionamento parecia um assunto de segunda importância, levando-se em conta a maneira como os homens estavam morrendo pelo Reich.

Greta deu uma tragada no cigarro, um gole na vodca, e depois estendeu a garrafa para mim.

Desci o quebra-luz da porta da nossa cabine.

– Onde foi que você conseguiu esse contrabando?

– Uma dama jamais revela. – Greta sorriu com ironia, e bateu as unhas na garrafa. – Alguns deles são bem bonitos, inclusive os russos. O que aconteceu com todas aquelas palestras sobre pureza racial que tivemos que assistir? *Natalia Petrovich*? *Alexander Schmorell*?

Sua pergunta me irritou. Eu era uma russa nativa vivendo na Alemanha, meus pais nunca me deixaram esquecer esse fato. Sabíamos dos rumores do Reich sobre os *Untermensch*, os sub-humanos, mas a maioria dos russos não-judeus que viviam na Alemanha tinha conseguido viver como cidadãos, particularmente os já assimilados. Não havia muita escolha, a não ser obedecer ao Reich. Mesmo assim, estava orgulhosa de viajar para a minha terra natal no que considerava uma missão de compaixão. Peguei a garrafa e a virei, queimando minha garganta com a bebida forte, o fogo assentando em uma bola quente no meu estômago.

– Agora somos todos alemães. Dê uma olhada nos meus documentos. O Reich precisa de homens... e de enfermeiras.

Depois do que havia acontecido com meus amigos judeus, desde que os nazistas assumiram o poder, não queria ter nada a ver com a criação de uma nova ordem racial no leste, ideia que me era repugnante. Só estava preocupada em salvar vidas, e se essa compaixão se estendia a meus colegas russos, que fosse. Logicamente, eu ainda não sabia o que o futuro continha.

Ela deu de ombros diante da minha resistência, e continuou seus devaneios sobre homens.

– É difícil escolher entre eles – disse, com os olhos na minha boca, que se contraía por causa de outro gole no álcool.

– Não é a melhor vodca que já tomei – eu disse, embora minha experiência com bebida fosse limitada.

– Um deles é russo, ele me disse. Alexander. Bonito... – Greta trouxe seu cigarro, que tinha queimado prematuramente até a ponta dos seus dedos, no balanço apressado do trem. Depois, o atirou pela janela. – Mas o que está viajando com ele é uma coisa!

Ela abanou os dedos na frente do rosto.

Dei outro gole na vodca e um estupor idiota tomou conta de mim. Bocejei e me estiquei no meu assento, que servia como uma cama desconfortável.

– O sol se pôs. Precisamos abaixar as cortinas.

– Mais uma noite monótona, tendo apenas sonhos como companhia – Greta disse, e se recostou em seu assento. – As coisas vão melhorar quando chegarmos ao front.

Fiquei na dúvida se ela teria razão, porque temia que o front só fosse trazer tragédia e desgraça. Minha excitação em voltar para a Rússia era moderada pelo que poderia haver à frente. Eu me perguntava, em segredo, se estaria preparada para lidar com o que poderia presenciar. Afastei as visões fantasmagóricas de soldados mortos e feridos, dos prédios bombardeados que enchiam a minha mente, imagens mentais reforçadas pela destruição que havia presenciado em Varsóvia. Elas não desapareceram com facilidade.

Depois do que pareceu uma viagem sem fim pela Rússia, chegamos em Vyazma no começo de agosto, na sede da 252ª Divisão, para onde os homens eram destinados. Greta e eu saímos do nosso vagão para esticar as pernas. Nossa parada final seria a noroeste, na cidade de Gzhatsk, cerca de 180 km a oeste de Moscou.

Eu mal tinha pisado no chão ao som de uma retumbante música militar, quando Greta inclinou a cabeça em direção aos homens de quem havia falado.

– Lá estão. – Discretamente, apontou para eles enquanto deixavam o vagão, localizado bem mais no início do trem do que o nosso. – Eles andam juntos como ladrões.

Greta os identificou: Hans, alto, cabelos pretos, e o belo perfil de um ator de cinema, um rosto agradável de proporções maravilhosas, nariz fino sobre lábios sensuais, uma leve fenda no queixo e olhos curiosos sob

sobrancelhas escuras; Willi, cabelos loiros lisos penteados para trás, que às vezes pendiam sobre a testa em fiapos trazidos pelo vento. Também era bonito, de rosto oval, queixo largo, um homem que, dos três, parecia o mais propenso ao silêncio e a pensamentos sérios. O último era o “russo”, como Greta o chamava, a quem ela tinha ouvido os outros chamarem de “Alex”. Era alto e esguio, com cabelos volumosos que deixavam o rosto livre. Parecia ser o que mais sorria, com alegria na alma, parecendo que não levava a vida tão a sério quanto os outros.

Dirigi a eles um olhar apressado, mais interessada em dar nome aos rostos do que em cultivar ideias românticas.

Não estava preparada para o que vi depois de desviar o olhar dos homens. Vyazma mal passava de escombros de prédios, cercados por crateras explodidas na terra. Uma igreja de madeira, a única estrutura intacta da aldeia, estava empoleirada em uma pequena colina. Nada se movia em meio aos destroços, exceto as tropas alemãs. Fiquei imaginando aonde teria ido toda a vida. As pessoas dali teriam sido mortas, toda vida animal destruída pelo avanço das tropas?

Os alto-falantes instalados pela Wehrmacht retumbaram nos meus ouvidos. Afastei-me do trem, deixando Greta e os outros para trás, e fiquei ao lado de uma casa queimada, nada mais do que madeira escurecida e a estrutura de uma janela. O cheiro de morte, como carne podre, encheu meu nariz. Girei-me, incapaz de suportar o fedor, e descobri de onde vinha. Atrás da casa jazia o cadáver de um cão apodrecendo. Enxames de moscas pretas zumbiam ao redor do seu corpo. O animal me lembrou um cachorro deixado entregue à própria sorte, em Munique, depois que uma família judia desapareceu. Por um tempo, os vizinhos cuidaram dele, mas depois ele também desapareceu, como a aldeia à minha frente. Nada, a não ser terra ressecada, restava em uma cidade que antes transbordava de vida.

Depois de embarcar no trem a caminho de Gzhatsk, meu humor ficou mais sombrio, conforme as sombras estendiam-se sobre as planícies. Achei difícil acreditar que a guerra na Rússia perdurasse havia mais de um ano, com centenas de milhares de homens, talvez um milhão ou mais, percorrendo essa rota na disparada militar para tomar Moscou, Leningrado ao norte, e as cidades russas ao sul. Greta deve ter percebido minha relutância em falar, porque mesmo sendo colegas de cabine, ela me deixou

com meus pensamentos e socializou com as outras duas enfermeiras a bordo.

Algo, a princípio inexplicável, estava acontecendo. Quando olhei do trem para a ampla paisagem, o vento de verão fustigando as bétulas, a chuva e o sol pintando as árvores com borrifos resplandecentes de prata, me senti em harmonia com a terra, em harmonia com meu país natal, lembranças profundas ressurgindo de minha infância distante. Uma espécie de “febre russa” havia se apossado de mim, como se tivesse me tornado parte do país de Dostoiévski, Tolstói e Pushkin, abandonando Goethe e Schiller. Algo se agitou em minha alma, me abrindo para sentimentos desconhecidos que me perturbavam, ao mesmo tempo em que me arrebatavam. Fui subjugada por um vazio extasiado, um céu repleto de estrelas, embora indefinido pelo espaço, melancolia suavizada por uma esperança resplandecente. Anseios profundamente escondidos se avivaram dentro de mim, enquanto eu recordava como era ser criança em Leningrado, alheia às preocupações dos meus pais em relação a Stálin, e mais tarde, Hitler.

Em vez da vida nas ruas agitadas de Munique, entendi o que era ser livre de limitações. À minha frente, abriram-se faixas de rios, campinas exuberantes, e bosques verdejantes. Pela primeira vez, vi o que Hitler desejava com sua megalomania pervertida, seu *Lebensraum*, o território que desejava para a Alemanha e o Reich, em permanente expansão. Os “sub-humanos” seriam os encarregados dos campos, a raça ariana, os donos. Mas Hitler e seus seguidores não haviam levado em conta a plenitude e determinação da alma russa, e uma farpa dessa essência alfinetou minha pele. Esse fato nunca ficou mais claro para mim do que quando chegamos a Gzhatsk.

Assim como Vyazma, a cidade estava em ruínas. Igrejas, lojas e casas haviam sido destruídas no avanço para subjugar Moscou. O front estava a apenas dez quilômetros de distância, e granadas explodiam a pouca distância. Algumas até caíram perto de Gzhatsk, sacudindo a terra. As pessoas que permaneciam ali, além das tropas, vagavam pela cidade destruída em roupas esfarrapadas e sujas de terra, e olhos estupefatos. Demonstravam pouca emoção ao passar por nós, alemães bem alimentados a caminho de um acampamento médico em meio às árvores, numa distância segura do perigo de balas e bombas. Meu coração foi dominado por uma profunda tristeza ao ver aquelas pessoas.

Durante vários dias, montamos tendas adicionais, cuidamos para que nossos uniformes, aventais e suprimentos fossem desembalados, assistimos a palestras médicas dadas por médicos enfadonhos da Wehrmacht, jogamos cartas, e oferecemos ajuda ao pequeno número de feridos em campo. Alguns dos socorristas, incluindo Willi e Alex, distribuíaam vodka à noite. Pelos suspiros e excesso de cigarros fumados, eu percebia que todos estavam loucos para fazer alguma coisa, além de ficarem parados no acampamento. À noite, as granadas explodiam perto da cidade e iluminavam a mata com seus clarões explosivos.

O primeiro caminhão carregado de novos feridos chegou cerca de uma semana depois. Todos pularam para assumir seus papéis, os socorristas e as enfermeiras ajudando os médicos. Um deles mandou que eu ajudasse Alex, inclinado sobre um homem com uma perna quase amputada. A cabeça do soldado estava largada sobre a maca, e ele murmurava palavras que eu não conseguia ouvir em meio aos gritos de ordens, o tinir das mesas e instrumentos médicos de metal, e gemidos dos feridos. Alex vestiu luvas e avental, eu fiz o mesmo.

– O que ele está dizendo? – perguntei.

– Algo sobre matar Hitler – Alex respondeu –, diz que, se perder a perna, vai atirar no Führer. – Ele se curvou e examinou o torniquete e o grande talho na perna do homem. As ataduras, ensopadas de sangue, tinham passado de carmesim para vermelho amarronzado. – Tenho más notícias para ele. Quando voltar a si, vai ver que está faltando a perna. Os estilhaços cortaram até quase o outro lado. Só podemos deixá-lo confortável até o médico cortá-la.

Percebi que Alex estava horrorizado com os ferimentos do homem, mas como socorrista, lutava contra a atmosfera de pesadelo da tenda. A *joie de vivre* – alegria de viver – que o percorria levantou seu ânimo.

– Natalya, não é?

Assenti com a cabeça.

Seus olhos reluziram, apesar da desgraça à nossa volta.

– Traga ataduras novas, e vamos limpar o ferimento e passar antisséptico. – Ele estudou o entorno, enquanto a equipe médica se esfalfava pela grande tenda. – Vai levar um tempo até que o médico consiga operar.

Hans e Greta debruçavam-se sobre uma cama próxima, onde um homem deitado sangrava de um ferimento no ombro.

Peguei as ataduras e voltei para a maca. O soldado, agora em delírio, tinha agarrado os ombros de Alex, e o puxado tão para perto que agora gritava em seu ouvido. Meu colega acalmou o homem e o deitou de volta em sua cama improvisada. Procurou sossegá-lo, enquanto um auxiliar aplicava uma dose de morfina. Alex e eu trabalhamos como uma equipe até o ferimento ser limpo e coberto. Sob a influência da droga, o soldado adormeceu.

Quando os feridos sob nossos cuidados tinham sido atendidos, Alex e eu tiramos os uniformes e fomos para fora, livres da tenda e longe da comoção. Ele passou os dedos pelo cabelo espetado, acendeu um cachimbo preto e pitou. A fumaça se dispersou em colunas nebulosas, nos poucos raios de sol que penetravam o grosso toldo.

– Você trabalha bem – Alex disse entre baforadas e espreguiçando suas longas pernas. – Espera continuar enfermeira?

– Provavelmente – eu disse, e me sentei na terra úmida, debaixo de um pinheiro. O ar fresco me envolveu com sua fragrância silvestre, uma mudança revigorante diante das condições sufocantes e do cheiro de antisséptico da tenda abafada. – É por isso que estou aqui, para descobrir. Passei na prova e posso decidir se quero cursar Biologia ou Filosofia na universidade.

Peguei algumas agulhas de pinheiro secas e marrons, e as joguei distraidamente na direção da tenda.

– Aquele soldado estava enlouquecido de dor, mas todos nós também andamos tensos nos últimos anos, lidando com racionamento... condições sobre as quais não temos controle...

Alex sentou-se ao meu lado. A fumaça do seu cachimbo nos envolveu com um perfume agradável e terroso, que me lembrou uma fogueira no outono; e manteve os mosquitos à distância.

– É, ele estava dizendo coisas que não deveria... palavras pelas quais poderia ser executado, se alguém o delatasse. – Ele mordeu a haste do cachimbo. – Isso caso alguém achasse necessário *traí-lo*.

“... necessário traí-lo...” Suas palavras me deixaram perplexa.

– A guerra muda tudo, apesar das regras e dos regulamentos – repliquei, depois de assimilar seu comentário. – É proibido beber e fumar, mas quase

todo mundo faz isso. Greta usa maquiagem quando pode. Por que deveríamos nos preocupar com coisas como ficar bêbado ou fumar um cigarro, quando nosso próximo fôlego pode ser eliminado por uma bala? – Olhei em direção à tenda médica, parcialmente escondida por galhos de pinheiro. – Nenhum tribunal condenaria um homem enlouquecido de dor.

– Eu não teria tanta certeza... *Estamos* lidando com o Reich. – Ele se inclinou para trás, na sombra circular da árvore, e passou um tempo pensando. – O que você acharia de fazer uma coisa estritamente proibida?

Fui tomada por uma excitação frente a essa pergunta inesperada.

– Acho que eu teria de saber o quanto essa coisa é proibida.

– Você pode guardar um segredo. Afinal de contas, é russa, como eu.

– Sou – respondi, e para me proteger, acrescentei: – Mas também somos alemães.

Ele fez uma pausa e depois disse:

– Confraternização com o inimigo. – Ele falou de um jeito natural, como se as palavras não tivessem maior significado do que “Vamos tomar o café da manhã”.

Deduzi que ele não se referia a encontros clandestinos com soldados ou partidários russos, mas não tinha certeza do seu objetivo. Independentemente da sua intenção exata, era arriscado. Devo ter demonstrado alguma hesitação, porque ele se acomodou contra a árvore, como se nada tivesse sido dito.

– Conheci uma mulher que me acolheu em sua casa, Sina – ele disse. – Willi e Hans conheceram outros russos, mas gostaria de te levar até Sina, se quiser. Bebemos, cantamos, às vezes dançamos. É algo com que se contar nesta época terrível.

– Você não a conhecia antes de vir pra cá?

Alex riu.

– Não. Hans, Willi e eu gostamos de conhecer as pessoas. Achamos que podemos aprender algo com nossos *inimigos*. – Sua voz ficou mais alta na última palavra, numa zombaria sarcástica, e depois abaixou. – Para mim, todos os russos são família.

Metade de mim queria ir, mas a outra metade ficou preocupada de ser descoberta. Se fôssemos pegos, o mínimo que poderia me acontecer como punição seria ser expulsa do meu trabalho e voltar para Munique,

humilhada; na pior das hipóteses, seria condenada por um crime e iria para a prisão. Eu pensava frequentemente sobre a prisão, e nos meus vizinhos e amigos que haviam desaparecido. Até falar sobre eles era como cometer um crime.

Os olhos de Alex conservaram seu brilho, apesar das sombras intensas. Achei difícil resistir a seu charme, beirando uma inocência bem-humorada, então concordei, apesar da minha inclinação natural por ficar no acampamento.

– Seria uma aventura, Alex. Eu gostaria de conhecer uma companheira russa.

Ele abriu um sorriso amplo e bateu as brasas do seu cachimbo em um pedaço encharcado do chão.

– Então, esta noite. Por favor, me chame de Shurik. Todos os meus amigos me chamam assim.

Naquela noite, enquanto caminhávamos até uma casa de fazenda nos arredores da cidade, Alex me contou sobre *sua* família russa. A mãe tinha morrido quando ele era pequeno, e o pai, médico, decidiu se mudar com a família para Munique quando Alex tinha 4 anos. Uma babá tornou-se sua mãe postiça, e conversava com ele em russo, como meus pais faziam depois de deixar Leningrado. Sendo assim, nós dois éramos fluentes em russo e alemão.

Alex era ainda mais entusiasmado do que eu em relação à Rússia, embora nós dois estivéssemos afetados pela redescoberta do nosso amor pelo país. Trançando para dentro e para fora da mata, conversamos sobre os costumes, feriados e brincadeiras de que nos lembrávamos da infância, morrendo de rir. Percorremos vários quilômetros em uma estrada de terra, longe do acampamento militar. A brisa vespertina sussurrava sob os pinheiros como uma escova macia passando sobre veludo. Mas no horizonte a leste, tiros traçavam riscas amarelas, e descargas de granadas explodiam em estouros vibrantes contra o intenso crepúsculo.

A casa de fazenda, na borda sul de um pedaço de terra arborizado, parecia uma série de cabanas unidas ao acaso. Ali não havia eletricidade; uma lamparina a óleo brilhava na janela. Uma vaca mugiu de uma das cabanas ao sul da casa principal, e ali perto havia um galinheiro recoberto de penas.

De um trecho com mato no meio da estrada, voou um gafanhoto com suas asas cerosas, e pulei de susto. Caí de encontro a Alex, e ele riu da minha reação infantil. Uma grande mariposa branca circulou ao redor de nós, e depois voou para longe, em direção à luz amarelada da lamparina.

Alex agarrou minha mão e me fez parar.

– Quero que saiba uma coisa antes de entrarmos – disse –, Sina gosta de mim e acho que vai gostar de você, mas contei a ela certas coisas que só poucas pessoas sabem.

– Seus companheiros, Hans e Willi, imagino – eu disse sem pensar.

Ele se virou para leste, de frente para a luz índigo que se estendia em camadas no horizonte. Acompanhei seu olhar, ainda conseguindo discernir seus olhos, que tinham passado de sua costumeira expressão alegre para um ar solene.

– Hans sabe mais a meu respeito do que quase todos. – Enfiou o salto da bota na terra macia. – Nunca quis estar aqui. Na verdade, não queria jurar lealdade a Hitler e à Wehrmacht. Pedi para ser dispensado do exército, mas meu pedido foi negado. – Ele se virou e olhou para mim com olhos grandes e questionadores. – Talvez você entenda... – Ele apontou para a cabana. – Como Sina entende...

Eu realmente entendi, mas a única confirmação corajosa que pude demonstrar foi balançar a cabeça em concordância.

– Vamos entrar – ele disse. – Sina está esperando.

Alex caminhou até a porta, bateu, e chamou a mulher pelo nome. Sina, provavelmente não muito mais velha do que eu, recebeu “Shurik” e a mim com um beijo em cada face, nos convidando a entrar. Ainda que a guerra estivesse violenta a apenas alguns quilômetros de sua casa, ela parecia estar de bom humor, e não se assemelhava em nada à camponesa que eu tinha imaginado. Era magra, com longos cabelos pretos trançados com esmero ao redor da cabeça. Não usava *babushka*, nem um longo avental cobrindo um vestido simples. Em vez disto, vestia uma versão feminina de um uniforme de marinheiro: uma blusa azul de listras fininhas com uma gola sobreposta, presa com botões brancos, e uma saia combinando que descia até seus tornozelos descobertos.

A cabana era confortável e quente. Um tipo adicional de calor vinha do brilho de vida lá dentro. O mobiliário escasso consistia em uma mesinha, uma cadeira, e uma cama de pinho grande o bastante para abrigar a mulher

e seus dois filhos pequenos, Dimitri e Anna. As crianças estavam sentadas sobre os calcanhares, em um lado da mesa, tomando sopa em tigelas de madeira. Um samovar e vários livros no canto oposto; um violão e uma balalaica jaziam com os braços cruzados ao pé da cama; tecidos com estampas de papoulas em dourado e vermelho, e vigorosos desenhos geométricos bordados em vermelho e azul enfeitavam o que, caso contrário, teriam sido paredes lisas de madeira. Uma imagem pintada de um Cristo lacrimoso pendia acima da cama em uma cintilante moldura prateada.

– Sentem-se, sentem-se – Sina insistiu. – Não tenho cadeiras suficientes. Shurik, você se senta no tapete velho aí no chão.

Alex obedeceu, cruzando suas longas pernas e expondo as botas militares sob a calça cinza do uniforme.

– Não tenho chá – Sina disse –, então, vamos beber vodca. Ela se inclinou como um cisne gracioso, e tirou uma garrafa marrom de debaixo da cama. Pegando três xícaras do samovar, serviu a vodca e estendeu-nos as nossas.

– *Za Zdravje* – Alex disse, erguendo a xícara à nossa saúde, seguido por brindes a nosso encontro e amizade.

Sina sentou-se na cama, suas pernas recolhidas sob o corpo magro. Dimitri e Anna colocaram suas tigelas em uma bacia, e assumiram seus lugares nos dois lados da mãe.

– Então, você é nova na Rússia – ela me disse.

Coloquei a xícara do samovar sobre a mesa, depois de esvaziar seu conteúdo.

– Nasci na Rússia, como Shurik, mas não voltei desde que meus pais deixaram Leningrado, quando eu tinha 7 anos. Sou enfermeira voluntária.

Sina ergueu as mãos num gesto de irritação.

– Você não perdeu nada. Stálin e o bolchevismo acabaram com nosso país e mataram mais gente do nosso povo do que dá para contar...

Eu a interrompi:

– Foi por isso que fomos embora, por causa do Plano dos Cinco Anos. Meu pai tinha amigos que desapareceram à noite e nunca mais foram vistos.

– Depois, veio o expurgo do Terror – Sina continuou. – Temos sorte de ter pelo menos um exército. Muitos militares foram exterminados porque o

Secretário Geral achava que poderiam ser uma ameaça ao poder. – Seus olhos reluziram do outro lado do cômodo. – E acreditávamos que os alemães tinham vindo para nos livrar de Stálin... Estávamos enganados. – Ela abaixou a cabeça, balançando-a lentamente. – Em vez disso, estão nos matando onde estivermos, e estamos queimando nossas casas e plantações para que a Wehrmacht não faça uso delas. Sua mão foi até os travesseiros à sua direita. – Recebemos ordens para matar alemães.

– Você tem marido? – perguntei, querendo mudar de assunto.

– Ah, tenho, um homem forte e bonito, que os nazistas matariam na hora, se pudessem pôr as mãos nele. – Ela tirou as mãos da cama e agitou os braços como asas. – Mas agora ele está livre como um passarinho. Eu o vejo quando consigo dar uma fugida, tarde da noite, no escuro, quando nós dois podemos nos esconder dos nossos problemas.

– Ele é um guerrilheiro – Alex disse, virando-se para mim do seu assento no tapete. – Um homem com convicções e princípios lutando contra o.

Ele parou, mas desconfiei que a próxima palavra a sair da sua boca poderia ter sido “mal”.

Alex pegou um livro na mesa, e ergueu-o à minha frente.

– *Crime e castigo*, um dos meus preferidos. Podemos lê-lo, se você quiser.

A mão direita de Sina esgueirou-se nos travesseiros até seus dedos entrarem sob uma das fronhas. Achei seu movimento um pouco estranho, mas não tinha ideia do que ela estava fazendo até ela tirar uma pistola preta do seu esconderijo.

Perdi o fôlego e senti o sangue sumir da minha cabeça.

Alex folheou o livro, aparentemente alheio ao gesto de Sina.

– Na minha opinião, Dostoiévski – disse, sem erguer os olhos – é o mais cristão de todos os escritores russos.

Ele ergueu o olhar das páginas por um instante e olhou para nossa anfitriã.

O cano preto estava apontado diretamente para nós. Eu estava atrás de Alex e, do alto, um punhado espesso de cabelos castanhos fazia um redemoinho na parte de trás. Não dava para ver seu rosto, mas me perguntei se ele havia perdido a cor, como havia acontecido comigo.

Sem erguer a voz, ele disse:

– Sina, por favor, guarde isso. Você poderia atirar em um de nós por acidente.

– Não seria um acidente – ela respondeu. Seus filhos estavam calmamente sentados a seu lado, nos olhando intensamente. Eu, sentada na cadeira, e Alex sentado no tapete à minha frente.

– Devemos matar todos os alemães – ela disse, e fez uma pausa. – Mas você não é como todos os alemães. Na verdade, você nunca se livrou da sua alma eslava.

O gatilho estalou e o cão da pistola saltou para seu lugar de descanso. Soltei um gritinho, mas não houve explosão, nenhuma bala contra a minha pele.

– Viu? Não fez nada mais do que assustar Natalya. – Alex mexeu calmamente um dedo para ela. – Que vergonha!

Agarrei a lateral da cadeira para evitar cair dela com a minha tremedeira.

– Você me deixou morta de medo, Sina. Foi um truque sujo.

– Um velho truque – Alex disse. – Passei por isso na noite em que nos conhecemos, e deveria ter te avisado, mas não sabia que ela repetiria com todos os alemães que conhecesse.

Ele virou a cabeça e piscou para mim.

– Não sou tão estúpida a ponto de manter uma pistola carregada perto dos meus filhos. – Sina sorriu, devolveu a pistola para seu lugar debaixo do travesseiro, e agarrou Dimitri e Anna num abraço de urso. – Logo eles terão idade para manejar a pistola. Estou ansiosa para vê-los matar seu primeiro combatente inimigo.

A ideia de crianças russas atirando em soldados alemães me horrorizou. Dimitri e Anna seriam massacrados como porcos.

– Posso beber mais uma dose? – perguntei, erguendo a xícara.

– Por favor, sirva-se – Sina disse.

Servi-me de outra dose de vodca. O álcool assumiu o controle e meu choque se transformou em uma tensão instável. Cantamos e rimos durante horas, até Sina tocar uma melancólica canção folclórica na balalaica. A melodia pareceu ter algo familiar, dos tempos da minha infância, mas agora estava distante demais em minha memória para que eu me juntasse a ela. Alex sabia de cor e cantou com Sina, enquanto eu acompanhava o ritmo,

com uma lenta batida de palmas. As crianças dançavam em frente à cama, de braços dados e movendo as pernas de forma sincronizada.

Foi ficando tarde e a chuva tamborilava nas paredes, nos mantendo ali por mais tempo do que previmos. A lamparina tremeluzia, mas em vez de substituir o combustível, Sina deixou que ela apagasse e conversamos no escuro, enquanto as crianças se acomodavam na cama. Nós, adultos, olhamos pela janela aberta as granadas que explodiam a leste, iluminando a extensão estrelada, agora livre de nuvens, com descargas brilhantes de amarelo e branco.

Enquanto a noite se estendia, Sina, abrandada pela vodca e, talvez, por sua própria tristeza, cantou uma melodia que trouxe lágrimas a meus olhos. Começou baixinho, nunca deixando o tom grave, depois crescendo para um agudo até eu pensar que faria as vigas de madeira racharem. Por fim, o som se dissipou em uma mudança suave para o grave, e morreu na brisa que soprava dentro da cabana.

Cutuquei a cabeça de Alex, que estava encostada nas minhas pernas.

– Está na hora de voltar para o acampamento, ou vão notificar nosso desaparecimento.

As palavras saíram aos tropeços da minha língua, inarticuladas e pesadas.

– É – Alex disse, e ficou de quatro antes de se levantar em pernas bambas.

Despedimo-nos, beijamos Sina, e prometemos uma nova visita numa outra noite. Alex prometeu que, da próxima vez, evitaria a vodca tempo suficiente para ter uma discussão inteligente sobre Pushkin e Tolstói. Sina concordou e, com um último aceno de mão, fechou a porta.

– Ela é encantadora – eu disse a Alex, e me perguntei se essa seria a melhor maneira de descrevê-la. Sina me parecia exótica, diferente de um jeito que eu nunca tinha visto, exceto no fundo da minha memória, quando imagens vagas de Leningrado vinham à mente. Mas mesmo essas pessoas vindas à tona do passado eram diferentes dela. Não havia como comparar os cidadãos que conheci quando criança com os camponeses devastados por tropas alemãs.

Caminhamos trôpegos pela estrada em direção ao acampamento, enquanto eu olhava para um céu abundante de estrelas.

– Posso estender a mão e tocá-las – eu disse, deslocando os óculos e esticando o pescoço para o céu.

Sem perceber onde estava pisando, não vi uma grande poça da largura do meu pé, e decidi tirar os sapatos para que não ficassem cobertos de lama. Passei os braços em volta da cintura de Alex, e me delicieei com a sensação ainda quente da vodca no meu estômago, e da terra fria e úmida espremendo-se entre meus dedos. De manhã, pagaria caro pelo meu abuso. No entanto, me livrar da lama seria mais fácil do que me livrar da ressaca.

Apesar das indulgências da noite, eu havia descoberto um amigo sincero em Alex. Só isso já fazia a noite valer a pena.

A chuva começou com vontade alguns dias depois, e transformou o acampamento em um lamaçal de terra encharcada e galhos gotejantes. Imaginei o que viria com o clima mais frio do outono e do inverno, quando as condições piorariam de fato.

Diariamente, soldados feridos eram despejados no acampamento, e a violência dos ferimentos, muitos deles terríveis, me fez questionar minha decisão de ser enfermeira. Com frequência, me arrastava até a cama exausta e sonolenta, por causa das longas horas na tenda médica. Um cirurgião em particular, rígido, era rigoroso com as regras e regulamentos, inclusive com as limitadas pausas para descanso; nada de conversas triviais entre os membros da equipe médica, auxiliares e enfermeiras; nada de fumar no acampamento. Tornava a vida de todos miserável, inclusive a minha, realizando suas cirurgias enquanto criticava meus curativos, o modo como eu dava remédios e aplicava injeções, diminuindo ainda mais minha confiança. Fiquei animada e aliviada quando, inesperadamente, ele foi transferido para uma unidade mais ao norte.

Alex, Hans, Willi e outro auxiliar médico, Hubert Furtwängler geralmente almoçavam juntos nos dias agradáveis, em um lugar próximo ao acampamento. A mesa deles ficava salpicada pela luz do sol que se infiltrava pelos ramos de um carvalho. Os homens eram um retrato do momento, seus cantis e canecas de lata espalhados por entre pedaços de pão semicomidos, e grossas fatias de queijo. Quando a carga de trabalho era leve, ou eles podiam se esgueirar para uma pausa, se sentavam em uma cerca perto de uma construção danificada, e fumavam. Veio-me o pensamento de que estavam unidos por um vínculo fraterno.

Três deles, com exceção de Hubert, frequentemente se reuniam em conversas em voz baixa, que terminavam abruptamente quando alguém de fora se aproximava. Nas poucas vezes em que fui convidada a me juntar a

eles – em geral, eu passava dando um rápido alô –, a conversa se voltava para temas triviais: o clima, a excitação do serviço ou seu oposto, o trabalho penoso da tenda médica, nossa saudade de casa e dos amigos.

Tinha certeza de que esses homens, quando sós, também conversavam sobre outras coisas, tópicos proibidos, que apenas esse grupo ousava discutir. Não tinha provas disso, a não ser a maneira como interagiam entre si: cautelosos, voz baixa, curvados, como se estivessem compartilhando segredos. Qualquer agente esperto da Gestapo os teria questionado por seu comportamento. Uma vez, quando estavam fumando, avistei os restos de uma suástica escavada na terra. Alex rapidamente tentou apagá-la com sua bota. A metade de cima do símbolo tinha sido riscada com um grande X.

Em setembro, Willi e Hubert foram transferidos para outros batalhões no front, e Alex ficou doente. Soube disto através de Hans.

– Alex está com difteria.

Estávamos em um bosque de bétulas cujos topos tinham adquirido um dourado brilhante e lustroso.

– Difteria?

Fiquei chocada porque a maioria de nós havia sido imunizada contra a doença.

– Ele está queimando de febre, e largado na cama – Hans disse. – Aparentemente, não tomou a vacina. – Seu lindo rosto parecia abatido sob a luz pálida, as faces afundadas como se o corpo médico e seu ritmo de trabalho irregular, indo do tédio ao frenesi, e os efeitos das rações insossas do exército tivessem cobrado seu preço. Tirou o quepe e golpeou uma mosca que zumbia. – Terei sorte se eu mesmo não cair doente. Doamos sangue demais para as tropas, estamos com a resistência baixa; e tem muitas infecções na Rússia. Bom, não preciso te dizer isto...

Seus lábios se abriram num meio sorriso, a expressão facial que eu o vira exibir com mais constância.

– Por favor, se o vir antes de mim, diga que desejo melhoras – eu disse.

– Direi. – Hans colocou o quepe na cabeça. – Caminhe comigo... por favor.

Caminhei ao lado dele, acompanhando seu ritmo, enquanto seguíamos em direção à casa de Sina, longe da floresta de bétulas e entrando em uma clareira onde a terra se estendia até o horizonte por todos os lados, e as nuvens cinza deslizavam acima de nós.

Hans respirou fundo, e pareceu ficar mais leve com o ar.

– Estou cansado da morte... e da guerra.

– Você precisa de alguma coisa que te faça parar de pensar nisso – eu disse.

– É difícil ficar sozinho, agora que Alex está doente, e Willi e Hubert foram embora. – Ele soltou uma leve risada. – Jamais conseguirei tirar isso da cabeça... A guerra vai ficar na minha mente enquanto estivermos nela... E provavelmente muito tempo depois.

– Você está muito calado – eu disse.

Seu olhar se estreitou, as sobrancelhas contraíram, como se eu o tivesse ofendido.

– Não quis ofender – eu disse, rapidamente. – Quis dizer que você olha as coisas de um jeito diferente dos outros homens. A guerra te tocou.

Paramos perto de um riachinho que rodopiava em uma poça rasa na estrada, e depois borbulhava para um campo próximo. Inclinei-me e enfiei um dedo na água fria. Olhei para trás, para nosso acampamento, escondido entre as árvores tanto para leste quanto o oeste, onde a terra terminava em colinas onduladas. Depois para o sul, onde os campos se espalhavam até o horizonte. Seguindo pela estrada, a cabana de Sina surgia esboçada em meio à neblina.

– Estive na casa de Sina com Alex – Hans disse. – Ele te contou o que fizemos no outro dia?

Não tendo visto Alex por vários dias, sacudi a cabeça.

– Enterramos um russo que encontramos na planície, não longe daqui. – Ele se agachou perto da água que corria e colocou a mão dentro. – A cabeça dele tinha se separado do resto do corpo e suas partes íntimas estavam decompostas. Vermes rastejavam das roupas semipodres. Tínhamos quase coberto a cova com terra, quando achamos outro braço. Fizemos uma cruz russa e colocamos na terra, na cabeceira da cova. – Ele fez uma pausa. – Agora, sua alma pode descansar em paz. – Hans inclinou a cabeça. – Vai ver que foi assim que Alex contraiu difteria.

Ele olhou para mim.

– Sinto muita simpatia pelo povo russo... sabendo o que eles têm passado nas mãos do nosso exército. Tenho medo de que haja muito mais coisas acontecendo que nós, do corpo médico e da enfermagem, não

sabemos. Acho que a SS mantém suas ações em segredo até dos generais. Você é russa; tenho certeza de que a matança também te incomoda.

A água refletiu a expressão torturada em seu rosto, mas antes de eu ter a chance de responder, seu humor mudou, ficando mais alegre.

– Você ouviu o meu coro? Juntei algumas moças russas e uns prisioneiros de guerra... Fazemos o máximo que podemos. Adoro música, e morro de vontade de dançar. Houve uma noite em que dançamos até não aguentar mais.

Eu tinha ouvido as músicas, algumas alegres, outras suaves, outras melancólicas flutuando pela tenda médica, mas o trabalho, a escuridão e o cansaço tinham me impedido de investigar. Parecia que as vozes vinham de longe, em horas estranhas do dia e da noite, como canções de anjos distantes.

– Gostaria de escutá-las. Minha amiga em Munique, Lisa Kolbe, entende mais de arte do que eu, e aprendi um pouco de música com ela.

– Você sabia que eu tenho um irmão servindo aqui, no mesmo setor? – Hans perguntou.

– Não. Você o vê?

Ele se levantou da água que corria e olhou para oeste.

– A algumas milhas daqui. Seu nome é Werner. Quando dá, vou até lá a cavalo. – Hans abriu os braços num gesto amplo, que pareceu liberar uma expansão de energia no ar. – Desenvolvi uma paixão por cavalgar, que permanece – disse, enchendo-se de entusiasmo. – Não tem nada melhor do que galopar por uma planície montado num cavalo ligeiro, criando seu caminho como uma flecha pela relva alta da estepe, e voltar pela floresta ao pôr do sol, cansado ao ponto da exaustão, com a cabeça ainda ardendo pelo calor do dia, e o sangue pulsando na ponta dos dedos. – Ele parou, parecendo ter ficado cansado com a própria descrição. – É a melhor ilusão a que me rendi, porque, num certo sentido, é preciso se iludir. Os homens chamam isso de ‘febre russa’, mas é uma expressão tosca, medíocre.

– Eu mesma usei esse termo – eu disse, um tanto constrangida por reconhecer isso.

– É mais ou menos assim: quando você vê o mundo em toda sua encantadora beleza, às vezes reluta em admitir que exista o outro lado da moeda. Existe a antítese aqui, como em tudo mais. Basta abrir os olhos para

isso. Mas aqui a antítese é acentuada pela guerra a tal ponto que uma pessoa frágil, às vezes, não suporta.

Atravessamos o riachinho e entramos em um campo cheio de capins altos. Estávamos andando havia cerca de dez minutos, quando demos com uma cruz russa projetando-se do chão.

– Foi aqui que o enterramos – Hans disse. – Provavelmente era um bom homem, cristão, com família e filhos. Ninguém jamais vai saber, porque ele vai ficar aqui até o fim dos tempos. – Ele levantou o olhar da cova em direção à ampla estepe, o capim balançando ao vento, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto. – Então, você se intoxica, vê apenas um lado em todo seu esplendor e glória.

Enquanto eu observava, ele abaixou a cabeça e disse uma oração silenciosa. Uma onda, como uma descarga elétrica, formigou pela minha pele, e uma sensação de alegria, próxima ao êxtase, passou por mim, diferente de qualquer sensação que eu já tivesse tido. Essa sensação me pegou de um jeito que tive de me apoiar nele.

Animadas por terem se alimentado de um visitante oculto, um bando de gralhas cinza e pretas voou sobre nossas cabeças, crocitando seu grito agudo. Um súbito raio de sol iluminou a sepultura, sendo consumido pelas nuvens sombrias com a mesma rapidez que surgiu.

Hans se afastou de mim, suas mãos presas ao corpo.

– Não sei... Não deveria estar falando esse tipo de coisa... Alex gosta de você e confia em você.

Não soube o que dizer. O que ele estava me oferecendo? Amizade? Algo mais? Estaria me testando aos poucos para ver se eu era confiável? Seu rosto ficou vermelho de raiva, chegando a ficar quase em brasa. O que quer que estivesse carregando dentro de si o estava devorando, embora eu tivesse a impressão de que tal demonstração íntima de paixão fosse uma raridade.

– Nossos dias e noites são controlados por aqueles que cometeriam maldades e imoralidades – respondi, tentando acalmá-lo. – Só podemos fazer o que é certo, estando prontos para elogiar e apoiar quando for merecido, e condenar, quando tiver justificativa. Precisamos ser fortes perante a corrupção moral.

– O Reich precisa ser condenado.

Recuei, atônita com suas palavras, e respirei fundo enquanto ficávamos junto à sepultura. Eu concordava, mas não estava disposta a dizer isso para

um homem que mal conhecia.

– Essa ideia deve permanecer entre mim e você. Não deve repetir isso a mais ninguém.

– É por isso que eu luto, não pela Alemanha, mas por todos os homens.

Apertei sua mão e ele sorriu. Deixamos a cova e tomamos o caminho de volta para o acampamento, falando pouco enquanto caminhávamos. O céu nublado, a não ser por algumas reluzentes aberturas de sol, se manteve firme ao longo da tarde, prenunciando um outono sombrio e desolador. Naquela noite, enquanto eu estava sentada no escuro com Greta, me lembrei do que Hans havia dito, e em minha cabeça vieram a lúgubre sepultura e as gralhas crocitando. Sentindo-me um pouco atordoada, me vi oprimida por pensamentos contrastantes de uma paz esperançosa e uma longa guerra cheia de morte e destruição. Não dormi bem por várias noites.

Alex se recuperou, mas Hans apresentou sintomas semelhantes a difteria, o que o deixou de cama por vários dias. Alex se recolheu um pouco depois da sua doença; não que se mostrasse hostil, mas, assim como Hans, parecia estar carregando um peso crescente sobre os ombros. Nosso trabalho nos mantinha ocupados quando os caminhões e carroças chegavam com sua carga de homens moribundos e feridos.

Numa manhã no final de setembro, decidi aproveitar um pouco de tempo livre. Agasalhei-me e caminhei pela estrada de terra que levava à casa de Sina. A meio caminho dali, cheguei a uma trilha que virava para um campo ao longo da floresta de bétulas, aberta por caminhos em meio ao mato alto. Era um caminho cheio de poças grandes espalhadas, mas despertou minha curiosidade e fiquei feliz pela mudança de cenário naquela minha costumeira caminhada em direção ao sul. Em alguns pontos, a terra estava socada com força, como rocha, mas em outros estava esponjosa.

O vento havia aumentado durante a noite, com o primeiro sopro de inverno bafejando do norte. Os pequenos pontos de luz do sol nos meus ombros mal conseguiam me aquecer, e fiz o que pude para ficar longe da sombra. O caminho enlameado fazia com que eu ficasse indo de lá para cá, entrando e saindo das sombras.

Os galhos das bétulas, portando folhas que tinham passado de douradas a um roxo avermelhado, estremeciam e se curvavam com as rajadas, batendo uns contra os outros, e se não fosse pela ventania a floresta estaria

*image
not
available*

CAPÍTULO 2



NÃO CONTEI A NINGUÉM O QUE HAVIA TESTEMUNHADO na floresta de bétulas. Tentei apagar da minha mente o crime bárbaro, ao menos para não acabar ficando louca. Um deslize, até para homens em quem eu confiava, como Alex e Hans, poderia acabar em desastre. Os guardas da SS, e seu oficial de comando na traseira do caminhão vazio ocuparam meus pensamentos como uma doença sempre presente, insidiosa. Seus rostos inexpressivos e brancos pairavam sobre mim como caveiras.

O pai de Hans, Robert, foi preso em agosto por ter feito uma observação depreciativa sobre Hitler, e sentenciado a quatro meses de prisão, delatado por uma mulher do seu escritório. Ainda assim, Hans prosseguiu com suas funções médicas em setembro e outubro, com a atenção costumeira, mas eu percebia que, por dentro, estava fervendo por causa da prisão do pai, bem como Alex, por outro motivo. Ele entrou em um período de recolhimento e luto após a morte de Sina. Os dois eram como panelas prestes a ferver sobre um fogão quente.

Hans estava tão obstinado em sua resistência ao Reich, que não assinou uma petição por uma audiência de clemência para o pai, incluída por sua mãe em uma carta. Seu orgulho era grande demais para ceder a Hitler. Chegou mesmo à ousadia de me dizer que se perguntava por que as pessoas temiam a prisão, e por extensão lógica, sua consequência, a morte. Quando era mais novo, tinha sido preso por participar de grupos de jovens que não eram sancionados pelos nazistas. Segundo ele, a prisão poderia ser um tempo de reflexão, autoavaliação, e até mesmo de despertar religioso.

Enquanto trabalhávamos com dificuldade durante os dias curtos e as noites longas de outubro, soubemos que logo deixaríamos a Rússia. Essa